

SALA DE VÍDEO [VIDEO ROOM]

GLICÉRIA TUPINAMBÁ E ALEXANDRE MORTAGUA

Textos da Sala de Vídeo
em fonte ampliada
PORTUGUÊS

Patrocinador
Master

Patrocinador

Realização



NU

Lefosse

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

MASP

MUSEU DE ARTE
DE SÃO PAULO
ASSIS CHATEAUBRIAND

Glicéria Tupinambá é uma artista, cineasta e educadora do povo Tupinambá da Aldeia Serra do Padeiro, Território Indígena Tupinambá de Olivença, no município de Buerarema, extremo sul da Bahia. Em sua obra, ela faz uma releitura dos mantos tupinambá do período colonial.

Produzidos entre os séculos 16 e 17, os mantos tupinambá são considerados sagrados e eram trançados com fibras naturais e penas de aves (vermelhas de guará e azuis de ararunas, entre outras). Eram usados em rituais e há 11 exemplares em museus europeus: na Dinamarca, na Itália, na Suíça, na Bélgica e na França. O Museu Nacional da Dinamarca foi o primeiro a ter a iniciativa de devolver o manto para o Brasil, o que está planejado para ocorrer em 2024, embora, desde os anos 2000,

anciões como Nivalda Amotara Tupinambá, da aldeia Mãe Itapoã, dos Tupinambá de Olivença, já reivindicuem sua repatriação.

O vídeo *Quando o Manto fala e o que o Manto diz* (2023), produzido por Glicéria Tupinambá juntamente com o escritor, cineasta, artista e diretor Alexandre Mortagua, traz essa tecnologia ancestral para a contemporaneidade. O trabalho reforça a perspectiva e o protagonismo da mulher indígena na produção do manto na Aldeia Serra do Padeiro, reforçando também o papel da intuição, dos sonhos e da sensibilidade da artista como mãe e mulher, ao apresentar a narrativa do manto, recriado por ela em diálogo com os chamados Encantados – as entidades sagradas.

Por séculos, os Tupinambá foram considerados como mortos, mas, em 2001, a Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai) os reconheceu como um povo existente em Olivença. É um povo que, atualmente, está concentrado em maior número na Bahia, no Pará e no Ceará.

Em meio à violência, ao racismo e à perseguição a eles e a suas lideranças, este vídeo é uma mensagem de força, pois o manto é uma testemunha do genocídio e da resistência Tupinambá, afirmando o caráter vivo de sua cultura. A confecção do manto invoca, assim, uma cura simbólica para a doença da colonialidade.

Sala de Vídeo: Glicéria Tupinambá e Alexandre Mortagua é curada por Renata Tupinambá, curadora-adjunta de arte indígena, MASP.

Ao longo de 2023, a programação da Sala de Vídeo integra o ciclo das Histórias indígenas no MASP e inclui mostras do Coletivo Bepunu Mebengokré, Sky Hopinka, Brook Andrew, Glicéria Tupinambá e Alexandre Mortagua, e Cecília Vicuña.